

O Papel da Universidade na Nova Europa¹

*Pier Francesco Ghetti**

RESUMO: A finalidade dessas anotações é chamar a atenção para as responsabilidades das Universidades no crescimento do saber e o desenvolvimento sustentável da sociedade. Observa-se que dentro das Universidades comunica-se pouco e mal o papel e a função que ela tem na sociedade, não permitindo a formação de um consenso social e político em torno do mundo universitário. É necessário, portanto, intensificar o debate para chegar a decisões concretas sobre o papel atual das Universidades, suas modalidades de *governance*, seus critérios de avaliação, sua competitividade internacional e seu papel cultural, evitando-se a indesejada separação entre a *teaching university* e a *research university*.

Palavras-chave: Universidade; Educação na União Européia; Desenvolvimento sustentável e saber.

Erasmus, Sócrates, Leonardo são grandes gênios europeus que hoje dão os respectivos nomes a projetos de intercâmbio entre as Universidades, para estudantes e pesquisadores; projetos que nestes anos contribuíram de modo significativo para a concreta realização de um espaço europeu de cultura. Para cada docente é uma satisfação quando os cursos são acompanhados por estudantes de várias nações ou quando, mais simplesmente, pode-se observá-los dialogar com outros estudantes ou com gente do lugar. Remetendo à retórica da Itália do Ressurgimento, poderíamos dizer que: "Feita a Europa... ora é preciso fazer os europeus".

Antigas Universidades como aquelas de Bolonha, da Sorbonne, de Salamanca e muitas outras, há séculos geraram e irradiaram na Europa e no mundo as sementes de uma cultura européia, mesmo quando os nacionalismos roubavam o ar da livre circulação do pensamento. Os tempos mudaram, mas a Universidade continua a representar um lugar de eleição, no qual se forma a nova classe dirigente européia e no qual a Europa pode encontrar sempre novos estímulos para seu futuro através da difusão da cultura, da pesquisa e da inovação.

É necessário, porém, perguntar-se por qual motivo os Países Europeus investem ainda muito pouco na formação superior e na pesquisa, enquanto

¹ N.T. Palestra proferida no Seminário *De la Union Européenne à la union des Européens*, promovido pela Società Europea di Cultura, Veneza, 31 de março-3 de abril de 2005. A tradução do italiano para o português é da Profa. Marcela Varejão, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas da UFPB, do Curso de Graduação da UFPE.

* N.T. Biólogo, Reitor da Universidade Ca' Foscari, Veneza, Itália.

se comprometem fortemente com outros setores como a industrialização, a agricultura e os serviços sociais.

Uma primeira resposta é que "a energia incorporada" na formação e na pesquisa resulta muito cara para toda sociedade. Do mesmo modo pelo qual na natureza são muito mais caros no plano energético aqueles animais que ocupam os níveis mais altos da cadeia trófica (os carnívoros dos carnívoros). E, todavia, se considerarmos o papel que estes últimos desenvolvem na regulação geral do sistema ecológico e como fatores de competição, descobrimos que tal custo energético é amplamente justificado pela função que eles desenvolvem. Para dar um outro exemplo: consumimos pouquíssimas calorias para ler um livro, mas uma enorme quantidade de calorias deve ser gasta para ensinar a ler, a entender e, sobretudo, para escrever um livro.

Assim, a formação e a pesquisa têm um elevado conteúdo de energia incorporada de alta qualidade, mas essa energia é extremamente cara e todas as sociedades encontram-se diante do problema de como conseguir os financiamentos respeitando as escolhas compartilhadas pela sociedade.

Quando cerca de dez mil anos atrás ou mais o homem iniciou o cultivo das plantas e a criação de animais, conseguiu finalmente liberar tempo e pessoas para dedicar às atividades da inventiva. Naquele momento, a civilização progrediu de modo rápido e iniciou de fato a primeira forma de universidade, que não é somente uma estrutura, mas um modo de atuar e uma função social.

A universidade é o lugar no qual a pesquisa, na sua própria atuação, oferece-se sem solução de continuidade também como experiência didática (eficaz antídoto à secundarização do ensino); no qual os docentes têm a oportunidade de receber contínuos estímulos através do estudo, da experimentação, e do intercâmbio de experiências internacionais, onde se realiza uma relação contínua com as diversas gerações de estudantes onde os estudantes de diversas disciplinas têm a oportunidade de encontrar-se e trocar idéias e experiências. "Se existe algo do qual sinto a falta nas Universidades é aquele posicionamento de aventura intelectual entre os estudantes, um posicionamento que os leve, partindo das respectivas especializações, a vagar por campos mais vastos, a experimentar uma variedade de cursos e a pensar que a Universidade, e não o específico Departamento, representa a casa intelectual deles" (Friedrich A. von Hayek).

Tudo isso torna-se certamente mais complexo numa sociedade na qual o acesso à Universidade é sempre mais amplo e no qual a Universidade deve garantir, além da instrução superior, uma formação profissionalizante, a formação permanente, a formação à distância e, no campo da pesquisa, a pesquisa de base, aquela finalizada e aplicada, a transferência dos resultados e das tecnologias ao mundo produtivo (Plan - Do - Check - Act).

Da complexidade destas funções nasce a tentação de separar a "teaching university" da "research university", com o risco, por um lado, de uma diminuição do nível de qualidade do ensino e, por outro, de uma

pesquisa que corre o risco de tornar-se árida pela falta de estímulos que provenham do confronto com as sempre novas gerações de estudantes.

À esta altura, é útil uma breve consideração sobre o papel do financiamento público e sobre aquele particular para a pesquisa e para a formação. Enquanto o financiamento público oferece maiores garantias de equidade cultural e social, o financiamento particular tende necessariamente a orientar-se para setores que naquele momento parecem mais promissores do ponto de vista econômico. Ambos são, assim, importantes, mas é preciso prestar atenção para garantir a autonomia da *governance* das Universidades públicas, evitando um excessivo condicionamento para uma pesquisa e uma didática concentradas nos interesses válidos "*hic et nunc*".

Toda sociedade deve, de fato, garantir para si mesma lugares nos quais a pesquisa e os saberes sejam isentos de condicionamentos e nos quais a pesquisa aplicada seja fundamentada numa pesquisa de base mais vasta e profunda. É somente a qualidade da pesquisa que produz importantes influências no avanço do conhecimento, talvez com efeitos reconhecíveis somente após anos. E tal qualidade nem sempre é programável com base em soluções eficientistas, porque se alimenta de um conjunto de valores, como o confronto inter-pessoal, a livre circulação de idéias, uma gestão democrática, a capacidade de atração de pesquisadores válidos e motivados, o patrimônio de tradições e de bibliotecas.

Tudo isso não está em contraste com as exigências de uma sociedade moderna e eficientista, porque a idéia da mudança e do novo está no patrimônio genético do pesquisador. Em 2000, em Lisboa, a Europa deu-se o objetivo de iniciar uma "economia fundamentada no conhecimento mais competitivo e dinâmico do mundo, capaz de realizar um crescimento econômico sustentável, com novos e melhores empregos e uma maior coesão social".

Se o objetivo da nova Europa é aquele de uma sociedade do conhecimento, esta última deverá necessariamente ser complexa (derivado de *cum plectere* = gerar a síntese, não de *cum plicare* = dobrar muitas vezes e, por isso, complicar) e integrada.

É essa mesma razão pela qual a diversidade, e não a monotonia, está na base da evolução biológica, bem como daquela cultural. Por isso, a Universidade deve ser o lugar da integração entre didática e pesquisa, entre disciplinas diversas, entre pesquisa de base e aplicada, entre aprendizagem e ensino, entre formação cultural e profissional, entre saber geral e saber local, entre equidade e competitividade.

Se uma análise desse tipo é válida, muito ainda resta a fazer pelo desenvolvimento das Universidades na Europa.

Em 5 de fevereiro de 2003, a Comissão Européia tomou uma posição oficial sobre o papel do conhecimento e sobre os desafios que as Universidades européias devem enfrentar para o desenvolvimento da sociedade e da economia e para a realização do espaço europeu de pesquisa. O Comissário para a Instrução e Cultura, Viviane Reading, afirmava: "Precisamos cultivar a excelência das nossas Universidades e evitar sermos

relegados a segundo plano. Se não pensarmos em apoiar nossas Universidades, amanhã será tarde demais". E o Comissário para a Pesquisa, Philippe Busquin, acrescentava: "Se quisermos exercer um papel-guia na sociedade global lastreada no conhecimento, a Europa deve promover suas Universidades" e ainda "As Universidades são centros de pesquisa e de instrução e ao mesmo tempo são pólos de desenvolvimento econômico regional. O dinheiro investido nas Universidades é um dos melhores investimentos possíveis para o futuro".

A União Européia determinou para si mesma como objetivo para 2010 aquele de elevar o esforço dos investimentos em pesquisas para 3% do Produto Interno Bruto. Nestes anos, efetivamente, aumentou a diferença com relação aos Estados Unidos, que possui uma despesa de 2,3% do PIB, respeito aos 1,1% da União Européia. De fato, as Universidades estadunidenses se beneficiam há tempos de um elevado montante de financiamentos público, de substanciosos financiamentos particulares oferecidos pelas empresas e pelas fundações filantrópicas, de recursos levados pelos próprios estudantes, incluídos muitos estudantes europeus atraídos pela excelência de muitos pólos universitários.

Mas para atingir um objetivo de tal magnitude, a União Européia e os vários Países que a ela aderem devem ser capazes de dar uma resposta adequada e solícita a uma série de quesitos:

- como assegurar os investimentos necessários e como garantir que os financiamentos sejam gastos de modo eficaz;
- como garantir a autonomia e ao mesmo tempo a profissionalidade do mundo acadêmico e daquele dirigencial dos vários Países;
- como garantir a continuidade dos grandes projetos de pesquisa e como criar as condições que permitam às Universidades obter e desenvolver a excelência;
- como fazer com que as Universidades contribuam em grau maior para as exigências e as estratégias nos pólos local e regional;
- como promover concretamente um espaço europeu de instrução superior coerente, compatível e concorrencial no plano da qualidade, em harmonia com as declarações de Bolonha (1999)² e de Lisboa (2000)³.

² N.T. Assinada em 1999 pelos Ministros da Educação de 29 países europeus, a Declaração de Bolonha tem como principal objectivo a promoção da mobilidade e da empregabilidade no Espaço Europeu, através da adoção de um sistema de graus comparáveis, divisível em dois ciclos, um pré- e um pós-graduado, sendo que o acesso ao segundo nível pressupõe o completamento de um ciclo mínimo de estudos de três anos. A implementação dos princípios desta declaração foi discutida, em seguida, nos Encontros de trabalho dos Ministros da Educação europeus em Praga (República Tcheca, 2001), em Berlim (Alemanha, 2003) e em Bergen (Noruega, 2005). O próximo encontro deverá ocorrer em Londres (Grã-Bretanha, 2007). A Declaração de Bolonha pode ser encontrada em português no site: <http://www.ubi.pt/matubi/Bolonha/Bolonha_Declaracao%20de%20Bolonha.pdf>, acesso em 18.01.2005.

³ N.T. O princípios que dizem respeito à Universidade estabelecidos em Lisboa em 2000 fazem parte da estratégia de desenvolvimento europeu mais amplo referenciada como "Estratégia de Lisboa", e foram emanados no âmbito do Conselho Europeu extraordinário de Lisboa de 2000. Tais princípios estão ilustrados no site seguinte:

Sobre estes temas joga-se o papel da Europa nos próximos anos, sua competitividade internacional e seu papel cultural.

Dentro das Universidades, é preciso tomar consciência de que até hoje comunicamos pouco e mal o papel e a função que a Universidade desenvolve em favor da sociedade, não favorecendo, deste modo, a formação de um consenso social e político em torno ao mundo universitário. Não devemos assim surpreender-nos se ainda hoje para boa parte da opinião pública a atividade de pesquisa desenvolvida nas Universidades é interpretada como *hobby* de alguns privilegiados, se a reivindicação de autonomia das Universidades é entendida como desejo de fazer as coisas por conta própria e se a premente solicitação de aumentar os financiamentos para pesquisa é percebida como um dos tantos interesses corporativos.

Ademais, para comunicar corretamente este papel é importante que as Universidades adotem adequados instrumentos de "avaliação" das próprias atividades. É preciso, de fato, evitar a auto-referência e o isolamento e demonstrar corretamente aos "portadores de interesse" a qualidade do compromisso, o nível de reconhecimento internacional e o modo pelos quais se utilizam os financiamentos atribuídos.

A finalidade destas anotações é chamar a atenção do mundo da pesquisa e da formação para as responsabilidades que as Universidades devem assumir no crescimento do saber e para um desenvolvimento sustentável da sociedade europeia. Ocorre, por isso, prosseguir no debate para chegar a decisões concretas sobre o papel atual das Universidades, sobre a modalidade de *governance*, sobre os critérios de avaliação e sobre a competitividade, sobre as soluções a serem adotadas para colocar à disposição dos jovens um futuro cada vez melhor. Gostaria de recordar, enfim, que nos muros de Berkeley um jovem estudante escreveu a seguinte frase: "O futuro me interessa porque é lá que pretendo passar os próximos anos".

<http://europa.eu.int/smartapi/cgi/sga_doc?smartapi!celexplus!prod!DocNumber&lg=pt&type_doc=COMfinal&an_doc=2001&nu_doc=59> e no site <<http://europa.eu.int/scadplus/leg/pt/cha/c11049.htm>>. A implementação das estratégias para a Universidade teve prosseguimento nos anos seguintes, culminando em 2005 com os resultados ilustrados no site: <<http://europa.eu.int/scadplus/leg/pt/cha/c11078.htm>>, acessos em 18.01.2005.